

## Índice

"Antes de partilhar algo sensível nas redes, deve refletir-se" .....	1
Eu tolero-te. Tu toleras-me a mim .....	2
"Organizando el Leviatán" .....	3
"Factfulness" .....	4

### "Antes de partilhar algo sensível nas redes, deve refletir-se"

A Internet e as redes sociais abriram novas avenidas à comunicação e, inevitavelmente, ao delito. Por isso, já existem procuradores especializados em cibercrime, como Daniela Dupuy, que exerce tal função em Buenos Aires. Com os seus sete anos de experiência, faz um aviso: a maioria desses delitos são sexuais, e são cometidos graças, em parte, ao facto das próprias vítimas disponibilizarem dados sensíveis que são inseridos na rede.

Daniela Dupuy é, além de procuradora na capital argentina, professora do Master Universitário em Ciberdelinquência da Universitat Internacional de Catalunya (UIC Barcelona). Numa sua estada em Barcelona para dar as suas aulas falou um pouco sobre isto.

Causou comoção em Espanha o suicídio de uma mulher jovem devido à difusão nas redes sociais de um seu antigo vídeo sexual. Casos como esse – o qual não abordamos na entrevista que se segue, anterior a esse facto – são pouco frequentes; mas a maior parte do cibercrime, afirma a procuradora argentina, é de tipo sexual. Salaria que "no meu país temos 85 %, quase 87 % de casos que são de pornografia infantil..."

— São palavras fortes...

— Assim é... Podemos falar de delitos informáticos propriamente ditos – um ataque a um computador, o roubo de dados de um disco rígido, etc. –, mas há inúmeros delitos em

que se utiliza o sistema informático como meio para os consumir.

— De que delitos estamos a falar habitualmente?

— Na maior parte dos casos, da pornografia infantil: distribuição, disponibilização, comercialização, produção, posse de imagens ou vídeos com conteúdo sexual explícito... Neste caso, as vítimas são menores, desde bebés, jovens com menos de 18 anos, eles ou elas.

Outro igualmente muito comum é o *grooming*, onde um adulto contacta com um menor e lhe pede essas imagens. O *grooming* caracteriza-se por ser visto, de início, como uma descoberta da liberdade sexual de que acaba por ser vítima e, além disso, com uma pessoa que não conhece: não tem de fazer perguntas aos seus pais ou aos professores, e descobre tudo através de um anónimo. Não vê os riscos para os quais se precipita, nem qual é o objetivo dessa pessoa... O mais triste é constatar inúmeros casos em que estes delitos são intrafamiliares.

— Estamos numa época em que se banalizou tanto o sexo que acabou por se tornar como um jogo...

— Sim. Realmente é um problema. Principalmente entre os menores de idade e, sobretudo, com as práticas do *sexting*: difusão de imagens e vídeos eróticos ou sexuais, indecentes... de jovens que depois os distribuem entre pessoas conhecidas ou não.

— Não se apercebem da sua perda de intimidade?

— O sentido da privacidade e da intimidade nos adolescentes não é o mesmo que nós tínhamos há 15 ou 20 anos. Eles não o encaram como uma violação do direito da intimidade, mas como um direito ao livre exercício de expressão.

E isto é um problema porque, embora concorde com os direitos de expressão que as crianças e adolescentes têm, é verdade que existe um perigo latente: quando estas imagens são partilhadas através das redes, por lá ficam, nas mãos da Internet; não são de ninguém e são de todos. Não é verdade que isso fique somente no pequeno círculo onde se partilham. E isto pode levar a que, precisamente, numa fração de segundos, um abusador ou um pedófilo consiga pegar nestas imagens e contacte imediatamente os menores de idade e cometa delitos mais graves.

— *A que se deve o aumento do cibercrime?*

— O agressor nesta área trata-se de uma pessoa que tem muito mais possibilidades. Não tem barreiras de espaço nem de tempo, situa-se atrás do anonimato, no seu computador, na sua casa, não tem quem o vigie, nem controlo que limite a sua atuação... Daí aumentar consideravelmente o número de vítimas e o número de objetivos! E a lógica entre vítima e autor é diferente da dos delitos que se cometem num espaço físico, como um roubo, um furto de uma carteira quando alguém sai de um bar, etc. E isto porque nas redes sociais, o que acontece é que não existe agressor nesse espaço se não houver potenciais vítimas que entregam dados pessoais, fotografias íntimas, vídeos privados... De algum modo, a vítima, com esta "confiança" que existe atualmente para estabelecer relações até com desconhecidos, entrega dados sensíveis que ajudam o autor a cometer o delito.

— *Fala de confiança, mas ao fim e ao cabo, mais do que isso, é "comportar-se sem manha nem duplicidade"...*

— Sim, claro. Penso que temos de falar de uma certa corresponsabilidade. Não digo que sejam igualmente responsáveis, vítima e agressor, mas é um facto que a vítima lança alguns grãos de areia com os dados sensíveis que introduz na rede. Se não houvesse esta introdução por mínima que seja e o autor não tivesse claramente a possibilidade de aceder a isso, o seu objetivo não se poderia cumprir. Por isso, antes de partilhar algo sensível, é importante refletir, vendo quais podem ser as consequências.

— *Não está a defender, portanto, o controlo, mas a formação.*

— Defendo o acompanhamento, pela formação, pela educação. As crianças e os jovens têm de saber interagir nas redes e, além disso, conhecer igualmente quais são as consequências. Mas os seus pais também. E os docentes, que passam muitas horas com as crianças. Constatamos um grande desconhecimento por parte dos pais. Como pai ou mãe, pensam que, porque as crianças estão encerradas no seu quarto e não vão à rua, não estão "expostas". Todavia, estão a deixar entrar muitas pessoas desconhecidas através das redes sociais.

O meu conselho é sempre, em primeiro lugar, informar sobre qual é a problemática e quais são as suas consequências. Depois, que estejam muito atentos e acompanhem realmente, nesta formação, nesta nova cultura, os seus filhos.

J. F. V.

## Eu tolero-te. Tu toleras-me a mim

Na convenção democrata da Califórnia, realizada em junho, Pete Buttigieg foi um dos candidatos mais aclamados pelos delegados. O presidente do município de South Bend (Indiana), casado com um homem, é visto como um símbolo do avanço dos direitos LGTB. Não podem estar assim tão satisfeitas as famílias que reclamam liberdade para ensinar aos seus filhos que o casamento é a união entre um homem e uma mulher, como recordou uma mãe a Buttigieg.

Pouco depois de apresentar a sua candidatura às primárias democratas, Buttigieg queixou-se num [tweet](#) dos que não apoiam o seu conceito de família com medidas legislativas: "Muitas vezes, as pessoas serão amáveis connosco em pessoa, enquanto promovem políticas que prejudicam os outros ou as suas famílias. Por seu turno, seremos cortezos com elas, mas não é preciso suportar esses ataques. Podemos defender-nos com honestidade e firmeza. É disso que trata o espaço público".

Ana Samuel, casada e mãe de seis filhos, doutora em filosofia política pela Universidade de Notre Dame (Indiana, EUA), a essas afirmações [responde](#) em "Public Discourse" que não são os casais homossexuais que estão hoje sob pressão nos Estados Unidos. "Sou uma mãe hispânica que contacto muitas outras hispânicas com valores familiares tradicionais. Nós também deparamos *diariamente* com pessoas que são 'amáveis em pessoa' connosco, mas que promovem e levam à prática políticas que assaltam os nossos valores".

E menciona vários exemplos de doutrinação sexual: escolas públicas onde se pretende "normalizar o estilo de vida LGTB"; pediatras que pressionam as suas filhas menores de idade a tomarem contraceptivos orais; aulas de educação sexual nas quais a mensagem central é "expressa-te, não te reprimas"; bibliotecas públicas com propaganda e símbolos LGTB; atividades escolares que promovem a mudança de sexo...

"Senhor presidente do município, é hipócrita queixar-se de 'políticas que o prejudicam a si ou à sua família', quando os da sua corrente ideológica pressionam para aumentar o grau de intromissão do Estado na relação entre pai e filhos até aos âmbitos mais íntimos".

Samuel comenta o desdém de Buttigieg pela cortesia dos defensores do casamento de sempre para com os homossexuais. Explica-lhe que essa amabilidade não é algo falso, mas que nasce da convicção de que todos os seres humanos são merecedores do mesmo respeito. “Nós mães tendemos a preocupar-nos energicamente com o bem-estar de todas as crianças, independentemente de qual for a sua origem ou circunstância familiar. Também tendemos a cuidar de forma decidida cada pessoa LGTB, reconhecendo a nossa humanidade comum, mesmo quando não estamos de acordo com o seu estilo de vida”.

Mas essa preocupação afetuosa pelos homossexuais, sobretudo pelos que sofrem qualquer forma de assédio, não significa que devam aprovar as suas ideias. “Daí que, por favor, deixe de nos excluir de podermos conversar, com o recurso intelectualmente desonesto de insinuar ou dizer que somos intolerantes. (...) Gostamos muito de trabalhar lado a lado convosco, de tê-los como treinadores, vizinhos e amigos, mas não cruzem a linha vermelha de nos dizer que valores sexuais estamos obrigadas a apreciar e manter”.

## “Organizando el Leviatán”

“Organizing Leviathan”

Autores: Carl Dahlström, Víctor Lapuente  
Deusto. Barcelona (2018)  
351 págs.

Os cidadãos costumam prestar muita atenção às instituições políticas, mas não à sua estrutura administrativa. A primeira surpresa para o leitor não acostumado a valorizar essa dimensão é a afirmação dos autores deste livro, para quem “a natureza das instituições burocráticas é igual ou mesmo mais importante do que a natureza das instituições políticas”. Deste modo, não basta, por exemplo, empenhar-se em implantar num determinado país instituições democráticas, se, ao mesmo tempo ou até antes, não for implantada uma adequada organização do Estado.

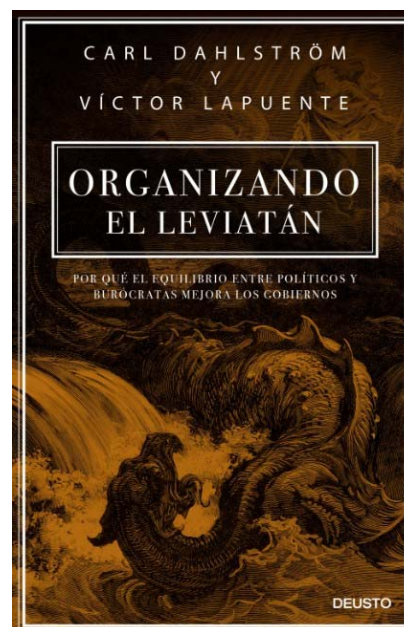
Apoiados neste princípio, Dahlström e Lapuente procuram explicar as linhas mestras dessa organização. Neste ponto, outro elemento basilar da sua análise é que no Estado confluem e se relacionam duas facções com interesses próprios: a dos políticos e a dos burocratas. Como sugere o subtítulo da obra (“Por qué el equilibrio entre políticos y burócratas mejora los gobiernos”), é preciso encontrar um ajustamento entre esses dois poderes, sem que se possa dizer *a priori* que um ou outro seja, por natureza, menos desinteressado ou menos inclinado para a corrupção.

O que em última análise se propõe neste livro é que a relação entre políticos e burocratas – os autores dão a este termo uma avaliação completamente neutra e nada depreciativa – venha a assumir a forma de uma vigilância recíproca. E, para isso, a fórmula dos autores é separar os incentivos profissionais de uns e outros, ou seja, entendendo a administração e a política como duas formas de fazer carreira, com objetivos diferentes.

A sua conclusão é que três grandes objetivos, como são reduzir a corrupção, assegurar a eficácia da administração e implantar nela melhorias que redundem em benefício dos cidadãos, se conseguem melhor na medida em que forem cumpridas as duas condições que eles defendem. A saber: a independência – ou não integração – das carreiras política e burocrática, e a existência de incentivos próprios da carreira profissional para os empregados públicos. Impede-se, além disso, deste modo, o duplo perigo da burocratização da política e o da politização da burocracia.

O livro é interessante para qualquer pessoa preocupada com a política, mas não é propriamente um ensaio, mas a exposição de uma investigação levada a cabo em mais de 135 países e com a colaboração de mais de mil especialistas. É, portanto, uma obra sólida e rigorosa, que permite aprofundar um tema importante e pode ser recomendável que a leiam políticos profissionais ou altos funcionários da administração.

F. S.



## “Factfulness”

“Factfulness”

Autor: Hans Rosling  
Deusto. Barcelona (2018)  
352 págs.

Este livro começa com um *teste* que põe à prova os conhecimentos do leitor sobre o estado do mundo: desde onde vive a população mundial à evolução da esperança de vida, a pobreza extrema, a escolaridade ou a mortalidade infantil. Hans Rosling (1948-2017) assegura que fez esse teste em conferências perante públicos de diversos âmbitos (políticos, cientistas, executivos de empresas multinacionais, jornalistas, ativistas) e que obteve piores respostas do que se tivesse tido respostas a título aleatório. Além disso, os erros iam sempre na mesma direção: pensar que o estado do mundo era pior do que é na realidade. Quais os motivos porque isto acontece?

Rosling foi médico, professor de saúde internacional e, além de prestar assistência em saúde nos países pobres, também um reconhecido divulgador de tendências globais. O seu último compromisso foi este livro, escrito com a ajuda de seu filho e de sua nora, no qual tenta vacinar-nos contra uma visão excessivamente dramática do mundo. Rosling interroga-se sobre as razões porque tantas pessoas ignoram ou subestimam as grandes melhorias que aconteceram no último século. De início, atribuía essa conceção pessimista a um conhecimento obsoleto ou a uma má informação dos meios de comunicação. Depois alertou para que a maneira de processar os dados era condicionada pelo modo de funcionamento do nosso cérebro, por “instintos” que influem na nossa forma de ver o mundo. O seu livro é uma análise de dez deles que, se nos descuidarmos, nos fazem ver o mundo com óculos escuros.

O “instinto da separação”, por exemplo, transmite-nos a ideia de que o mundo está perpetuamente dividido em dois grupos – pobres e ricos, desenvolvidos e subdesenvolvidos, obesos e famintos –, quando, na realidade, a maioria das pessoas vive em países de rendimentos médios, e a tendência mundial indica mais convergência do que divergência. O “instinto da negatividade” faz com que nos fixemos mais nos momentos dramáticos do que nas melhorias graduais e constantes, que não são notícia, como o facto da esperança de vida mundial ter alcançado os 72 anos. O “instinto do tamanho” faz com que nos deixemos impressionar perante grandes números isolados e que não nos interroguemos sobre qual era esse número há dez anos ou quanto é por pessoa. Estes e outros instintos, analisados no livro, criam preconceitos e levam a uma má utilização dos dados.

Mas ainda mais importante do que a informação que apresenta, é a sua explicação de como se situar perante os dados, que perguntas convém fazer diante de um número impressionante, como procurar causas sem se limitar a ver os maus da fita, ou como evitar erros de julgamento em situações de crise.

É possível ser cético perante a sua convicção de que para entender o mundo temos de nos concentrar sobretudo no nível de rendimentos da população, para lá das diferenças culturais, religiosas ou de costumes, de forma que um africano com boa situação económica estará tão contente com dois filhos como um sueco. Também se lhe pode perdoar o seu tom excessivamente didático, próprio de conversas TED (Technology, Entertainment and Design). Mas de qualquer forma é um livro que consegue o seu objetivo: promover a factfulness, o estar consciente da realidade. E pode ser especialmente recomendável para profissionais da informação, dos quais depende muitas vezes colocar os números no seu devido contexto.

I. A.

